

ESCUA TERAPÊUTICA E ODONTOGERIATRIA: UMA LACUNA A SER PREENCHIDA - PROJETO GEPETO

GABRIEL SCHMITT DA CRUZ¹; GIOVANNA ROGINA DIAS²; LUIZA SOUZA SCHMIDT³; STÉFFANI SERPA⁴; EDUARDO DICKIE DE CASTILHOS⁵

¹Faculdade de Odontologia/Universidade Federal de Pelotas - gabsschmitt@gmail.com

²Faculdade de Odontologia/Universidade Federal de Pelotas - roginagiovanna@gmail.com

³Faculdade de Odontologia/Universidade Federal de Pelotas - luizasouzasch@gmail.com

⁴Faculdade de Odontologia/Universidade Federal de Pelotas - steffani.serpa@hotmail.com

⁵Faculdade de Odontologia/Universidade Federal de Pelotas - eduardo.dickie@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O processo da escuta transcende o processo mecânico do aparelho auditivo e os sentidos auditivos pois envolve todos os demais sentidos - visão, fala, tato, paladar e a propriocepção – no âmbito corpóreo e perpassa pelos processos cognitivos e afetivos (VIRGEM, 2016).

Diante disso, a escuta vai além de um processo de ouvir, sendo, na verdade uma questão de atitude e, ainda, um processo mental e emocional (JAHROMI, 2016), trata-se de uma habilidade que permite uma comunicação mais efetiva (GONZALEZ, 2009) buscando um total direcionamento da atenção ao que o indivíduo está dizendo, escutando cuidadosamente, ao mesmo tempo em que não interrompe seu interlocutor e demonstre interesse sem uma relação de superioridade (WEGER, 2010).

O projeto GEPETO (Gerontologia: Ensino, Pesquisa e Extensão no Tratamento Odontológico) atua na atenção à saúde do idoso de forma interdisciplinar e holística, buscando compreender os múltiplos processos de intervenção em saúde. O objetivo desse trabalho de revisão de literatura foi de compreender informações a respeito da escuta terapêutica e como pode influir o tratamento em odontogeriatría.

2. METODOLOGIA

Realizou-se uma busca nas bases PubMed, LILACS, Cochrane, Scopus, Web of Science e EMBASE em busca de trabalhos sobre escuta ativa e odontogeriatría. Uma estratégia de busca foi formulada e a partir da utilização de termos chave e operadores booleanos, houve uma busca nas bases de dados e o agrupamento dos resultados, onde assim, dois revisores independentes (GR e GS) buscaram artigos potencialmente relevantes ao tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escuta foi apresentada como uma estratégia de comunicação essencial para a compreensão do outro, podendo ser definida como um método de resposta com a finalidade de incentivar a clareza da compreensão e comunicação ante as preocupações pessoais (MESQUITA, 2014). Enquanto processo terapêutico, outras expressões são empregadas na literatura para nomear a escuta, são elas: escuta ativa, escuta integral ou atenta, ouvir reflexivamente, escuta compreensiva, escutar ativamente e escuta terapêutica.

Não foram encontrados estudos de intersecção entre o processo ativo de escutar e a odontogeriatria; ainda, não foram encontradas metodologias de escuta terapêutica em idosos.

Todos temos a necessidade de nos comunicarmos e é através da comunicação que os seres humanos compartilham diferentes informações entre si, assim, desta forma que estabelecemos nossas relações (PONTES, 2008), afinal o homem é um ser social, indissociável entre corpo, linguagem e psiquismo. Nesse contexto, a todo momento, captamos mensagens do ambiente externo e enviamos para o cérebro, que gera pensamentos e respostas por meio de comportamentos e atitudes. Emitir-receber-interpretar e responder, de forma cíclica é o mecanismo fundamental do feedback. No entanto, as emoções estão no centro deste processo, assim a “leitura” das emoções é a “chave” para a regulação das relações (VIRGEM, 2016), sendo este o principal aspecto no desenvolvimento da escuta atenta para além do ouvir.

Diante disso, a escuta pode abrir um canal de comunicação (ORNELLAS, 2016), porque além do sentido fundamental de ouvir, exige também a capacidade de fazer uma leitura subjetiva do discurso, simbolizado pelo sujeito escutante. Apesar disso, são raras as pessoas que possuem a capacidade de escutar, sendo constante interações superficiais que não promovem ajuda ou desenvolvimento pessoal (MIRANDA, 1996).

A comunicação é o caminho que os seres humanos trazem sentido ao mundo em sua volta, realizada através de padrões. O processo de interrelação pessoal é multidirecional, envolve duas ou mais pessoas e pode ocorrer por métodos verbais, não verbais, presenciais ou à distância (CHAMBERS, 2018; NEWELL, 2015). A importância do processo de comunicação, mais precisamente no âmbito da diferenciação entre o ouvir e escutar, pode ser explicada pela atividade no lobo temporal medial (LTM), particularmente o hipocampo (BLANK, 2016). A neurociência aponta que a comunicação verbal pode influenciar os processos de memória declarativa que por sua vez, são governados pelo hipocampo (KLOOSTER, 2015). Ou até mesmo influenciar o pensamento futuro ao desempenhar um papel ativo na produção ou monitoramento da linguagem (FRISTON, 2016; STACHENFELD, 2017), que pode então ser combinado com o feedback de fala percebido (VAN DE VEN, 2020). Como resultado da comunicação do remetente e do receptor da mensagem, um significado compartilhado é criado entre ambas as partes. (NEWELL, 2015).

Alterações dos padrões observados de comunicação podem ser responsáveis por certos déficits cognitivos (PAGNOTTA, 2020), os quais resultantes de transtornos do espectro autista (FRANZ, 2017), epilepsia (COITO, 2015), ou esquizofrenia (FRISTON, 2016) por exemplo. Assim, para se ter uma efetividade na comunicação, a mensagem deve ser enviada ao receptor de uma forma que transmite a intenção de sua mensagem (NEWELL, 2015). O que remete a importância do bom relacionamento interpessoal e comunicação na saúde e assistência social, em pacientes com problemas complexos, como multimorbidade, e a contribuição potencial da tecnologia (processos plurilinguísticos) para melhorar a comunicação. (CHAMBERS, 2018).

A atenção seletiva é o processo administrativo cerebral que organiza os sentidos em informações, a fim de se concentrar no que é mais importante para aquele momento. É mediada por uma reorganização dinâmica de interações entre áreas específicas de frequência e mudanças de atividades locais. Presumivelmente aumentando o processamento sensorial de informações exógenas relevantes e tornando-as mais amplamente acessíveis nas regiões corticais para

processamento posterior. A fim de influenciar os processos de memória declarativa e de atenção seletiva, sugere-se uma comunicação dinamicamente conduzida por meio inteligível ao receptor, através do processo de ouvi-lo.(PAGNOTTA, 2020).

Por sua vez, o processo de escuta terapêutica envolve a apreciação do que está sendo dito pelo indivíduo, pois assim o receptor assume que há algo para ser ouvido (FASSAERT, 2007). Sendo assim, um ato intencional, acolhedor e livre de julgamentos, no qual exige do ouvinte a capacidade de estar completamente presente no encontro com o falante (MALTA, 2020). Apreciar envolve senso crítico, que advém do exercício constante desta habilidade, não devendo abster-se de uma escuta atenta e reflexiva (MASSUIA, 2012). Através da apreciação é possível compreender sobre as questões geradora de angústias e sofrimento do assistido. Nas atividades terapêuticas, o status da escuta enquanto “atividade” é frequentemente considerado passivo, pois não implica necessariamente em um comportamento externalizável. Contudo, a aparência de uma atitude receptiva não deve mascarar o ativo processo perceptivo que acontece, uma vez que a mente e o espírito do ouvinte são mobilizados (FRANÇA, 2002).

4. CONCLUSÕES

Ante os protagonismos do relacionamento interpessoal e da comunicação na saúde do idoso, encontra-se uma lacuna de abordagem de escuta com aplicação ativa aos idosos. O processo de comunicação por meio de uma escuta terapêutica parece ser promissor dentro do campo da odontogeriatricia, porém não foram encontrados estudos acerca desta relação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANK, I. Expanding the language network: Domain-specific hippocampal recruitment during high-level linguistic processing. **bioRxiv**, [s. l.], p. 091900, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1101/091900>

CHAMBERS, M. Interpersonal relationships and communication as a gateway to patient and public involvement and engagement. **Health Expectations**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 407–408, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hex.12683>

COITO, A. Dynamic directed interictal connectivity in left and right temporal lobe epilepsy. **Epilepsia**, [s. l.], v. 56, n. 2, p. 207–217, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/epi.12904>

FRANZ SPERDIN, H. Early alterations of social brain networks in young children with autism. **bioRxiv**, [s. l.], p. 1–23, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1101/180703>

FRISTON, K. The dysconnection hypothesis (2016). **Schizophrenia Research**, [s. l.], v. 176, n. 2–3, p. 83–94, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.schres.2016.07.014>

KLOOSTER, N.; DUFF, M. C. Remote semantic memory is impoverished in hippocampal amnesia. **Neuropsychologia**, [s. l.], v. 79, p. 42–52, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2015.10.017>

MESQUITA, A. C.; CARVALHO, E. C. A escuta terapêutica como estratégia de intervenção em saúde: uma revisão integrativa la escucha terapéutica como estrategia de intervención en salud: una revisión integradora. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 6, p. 1127-1136, 2014.

MIRANDA, C. F., MIRANDA, M. L. Construindo a relação de ajuda. 10 ed. **Crescer**. Belo Horizonte (MG), 1996.

NEWELL, S.; JORDAN, Z. The patient experience of patient-centered communication with nurses in the hospital setting: a qualitative systematic review protocol. **JBIR database of systematic reviews and implementation reports**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 76–87, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11124/jbisrir-2015-1072>

PAGNOTTA, M. F.; PASCUCCHI, D.; PLOMP, G. Nested oscillations and brain connectivity during sequential stages of feature-based attention. **NeuroImage**, [s. l.], v. 223, n. September, p. 117354, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2020.117354>

STACHENFELD, K. L.; BOTVINICK, M. M.; GERSHMAN, S. J. The hippocampus as a predictive map. **Nature Neuroscience**, [s. l.], v. 20, n. 11, p. 1643–1653, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/nn.4650>

VAN DE VEN, V.; WALDORP, L.; CHRISTOFFELS, I. Hippocampus plays a role in speech feedback processing. **NeuroImage**, [s. l.], v. 223, n. June, p. 117319, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2020.117319>

VIRGEM, L. A. M. **Aprendinsi: metodologia híbrida de ensino e aprendizagem baseada em problemas / projetos e escuta ativa para formação docente em educação profissional e tecnológica**. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bh, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/22950>. Acesso em: 06 dez. 2020.

WEGER, H.; CASTLE, G.; EMMETT, M. Active listening in peer interviews: the influence of message paraphrasing on perceptions of listening skill. **International Journal of Listening**. 2010; 24:34–49.